

## Artigos livres

# Hábitats, hábitos, habitantes: uma leitura da educação ambiental crítica em comunidades do campo no Cerrado do Pantanal

Habitats, habits, inhabitants: a critical Environmental Education reading in rural communities in the Cerrado-Pantanal

Regina Aparecida da Silva<sup>I</sup> , Rafael Martine<sup>II</sup> 

<sup>I</sup> Universidade Federal de Rondonópolis , Rondonópolis, MT, Brasil

<sup>II</sup> Universidade Federal de Mato Grosso , Cuiabá, MT, Brasil

## RESUMO

Este artigo compreende as relações entre transformações ambientais e dinâmicas culturais em comunidades do campo localizadas no Cerrado do Pantanal, região de transição biogeográfica no município de Poconé, Mato Grosso. A partir da perspectiva da Educação Ambiental crítica e da tríade hábitos-hábitats-habitantes, buscamos compreender como o avanço do agronegócio sobre esses territórios tem pressionado os modos de vida, as identidades e as expressões culturais de comunidades quilombolas, tradicionais e assentamentos rurais. A metodologia utilizada foi o Mapa Social, que privilegia as autonarrativas e a autodenominação dos grupos sociais, por meio de pesquisas de campo, seminários de mapeamento, processos formativos e entrevistas. Os resultados indicam que impactos como desmatamento, assoreamento de rios, uso indiscriminado de agrotóxicos e supressão da fauna e flora nativa estão provocando alterações significativas na cultura dessas comunidades, expressas na redução das festas tradicionais, no enfraquecimento do uso de remédios naturais, nas mudanças nos hábitos alimentares e na perda de saberes ancestrais. Compreender essas transformações é também um gesto político de resistência e de defesa da vida nos territórios do campo.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Comunidades do campo; Cerrado do Pantanal; Mapa Social; Identidades de resistência

## ABSTRACT

This article examines the relationships between environmental transformations and cultural dynamics in rural communities located in the Cerrado-Pantanal, a biogeographic transition region in the municipality of Poconé, Mato Grosso. Drawing on the perspective of critical Environmental Education and the triad

habits-habitats-inhabitants, we seek to understand how the expansion of agribusiness over these territories has pressured the ways of life, identities, and cultural expressions of quilombola, traditional, and rural settlement communities. The methodology used was the Social Map, which privileges the self-narratives and self-denomination of social groups, through fieldwork, social mapping seminars, educational processes, and interviews. The results indicate that impacts such as deforestation, river silting, indiscriminate use of pesticides, and suppression of native fauna and flora are causing significant changes in the culture of these communities, expressed in the reduction of traditional festivals, the weakening of natural medicine practices, changes in food habits, and the loss of ancestral knowledge. Understanding these transformations is also a political gesture of resistance and defense of life in rural territories.

**Keywords:** Environmental Education; Rural communities; Cerrado-Pantanal; Social Map; Identities of resistance

## 1 INTRODUÇÃO

O estado de Mato Grosso, situado no centro da América do Sul, abriga um dos mosaicos ecológicos e culturais mais expressivos do Brasil, onde os biomas do Cerrado e do Pantanal se encontram, se sobrepõem e constroem, nas zonas de transição, paisagens únicas que sustentam modos de vida construídos ao longo de séculos. Nesse entrelugar geográfico e simbólico, comunidades quilombolas, tradicionais e assentadas tecem cotidianamente suas identidades a partir de vínculos profundos com o território: na pesca, no extrativismo, nos saberes raizeiros, nas festas de santo, na viola-de-cocho que ecoa entre os bambuzais e as veredas. São relações que não existem apesar da natureza, mas que se constituem com ela, em uma interdependência que a educação ambiental crítica há muito reconhece como dimensão política fundamental (Sato, 2003).

A questão central é que esses territórios estão sob pressão crescente. O avanço do agronegócio, as monoculturas de soja e extensas áreas de pastagens, avança sobre o Cerrado e os arredores do Pantanal, promovendo desmatamento, assoreamento de rios, contaminação do solo e da água e, progressivamente, a compressão dos territórios das comunidades que ali vivem (Silva, 2011). Em Mato Grosso, pesquisas do Grupo pesquisador em educação ambiental, comunicação e arte (GPEA/UFMT) registraram, desde 2008, 359 conflitos socioambientais, muitos deles envolvendo

disputas por terra, acesso à água, desmatamento e ameaças à soberania alimentar dessas populações (Jaber-Silva, 2012). Esses dados não são apenas números: são a medida do quanto a lógica predatória do capital tem sido capaz de transformar territórios em espaços vazios, apagando os sujeitos que os habitam junto com as paisagens que eles convivem há milhares de anos, cuidadosamente.

Se a literatura tem avançado na documentação dos impactos ambientais do agronegócio sobre os biomas brasileiros, a relação entre as alterações no ambiente e as transformações nas expressões culturais das comunidades que habitam esses territórios permanece pouco explorada. Estudos realizados pelo GPEA nas comunidades do Cerrado do Pantanal em Poconé apontaram conflitos socioambientais significativos envolvendo comunidades pantaneiras, quilombolas e assentamentos (Valles, 2018), mas o aprofundamento sobre como essas pressões reverberam nos modos de vida, nos saberes e nas práticas culturais territorializadas ainda carece de investigação sistemática e comprometida com a escuta dos próprios sujeitos.

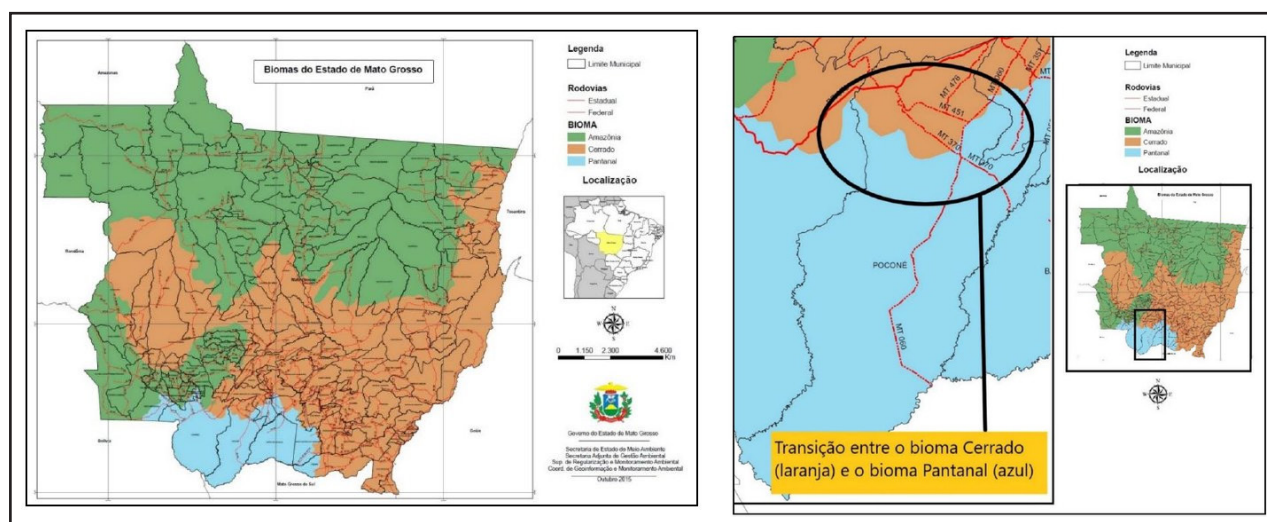
Essa lacuna não é apenas acadêmica. Ela é também política. Compreender como o ambiente e a cultura se transformam juntos, a partir das narrativas de quem vive essa transformação no corpo e na memória, é uma condição para que qualquer política de proteção territorial tenha alguma chance de ser justa.

O momento presente adiciona urgência a essa tarefa, com a intensificação das pressões fundiárias, o fechamento de escolas no campo, o avanço das lavouras sobre as margens dos rios e o aprofundamento das mudanças climáticas sobre os biomas Cerrado e Pantanal, as comunidades estudadas nesta pesquisa vivem o risco concreto de ver seus territórios funcionais e simbólicos serem irreversivelmente fragilizados (Haesbaert, 2004).

Este artigo tem por objetivo compreender as interações entre alterações ambientais e transformações culturais em seis comunidades do Cerrado do Pantanal, no município de Poconé, Mato Grosso, a partir das narrativas de suas moradoras e

moradores. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa orientou-se por quatro movimentos investigativos articulados: identificar os principais fatores de pressão ambiental reconhecidos pelas próprias comunidades; registrar as expressões culturais presentes nesses territórios e suas mudanças percebidas nas últimas décadas; compreender como as comunidades significam e respondem às alterações em seus habitats; e contribuir para a visibilidade dessas populações nas agendas de pesquisa e de políticas públicas voltadas à justiça socioambiental.

Figura 1 – Biomas do estado de Mato Grosso e a região de transição entre os biomas Cerrado e Pantanal



Fonte: SEMA-MT, 2018. Mapa dos Biomas do Estado de Mato Grosso. Recorte dos autores

O pressuposto que orienta todo o percurso é o de que ambiente e cultura são dimensões integradas da vida comunitária, são dimensões constitutivamente entrelaçadas. A degradação do *habitat* não produz apenas perda ecológica: produz ruptura dos vínculos que sustentam identidades, saberes e formas de existir no mundo. Essa relação simbiótica entre habitantes, hábitos e *habitats*, já enunciada por Silva (2011) como tríade fundante da Educação Ambiental desenvolvida pelo GPEA, é aqui assumida como chave interpretativa central.

A pesquisa que dá origem a este artigo é de natureza qualitativa e utilizou a metodologia Mapa Social (Silva; Sato, 2012), que articula autonarrativas, autodenominação e participação popular como fundamentos epistemológicos.

A partir daqui, o artigo apresenta os caminhos metodológicos e o *locus* da pesquisa; em seguida, o referencial teórico que articula educação ambiental crítica, cultura e território; passa pelos resultados organizados em torno das pressões ambientais identificadas pelas comunidades e das expressões culturais registradas; e chega à discussão sobre as interações entre essas duas dimensões, concluindo com implicações para políticas públicas e para a agenda da educação ambiental nos territórios do campo.

## 2 METODOLOGIA

A opção pela pesquisa qualitativa é uma posição política e epistemológica. Compreender as interações entre alterações ambientais e transformações culturais em comunidades do campo exige uma abordagem que reconheça os significados produzidos pelos próprios sujeitos como dados legítimos e importantes. A perspectiva que sustenta este trabalho é a da pesquisa engajada, comprometida com o reconhecimento dos saberes das populações estudadas e com a visibilidade de grupos historicamente apagados pelas políticas e pela ciência dominante (Freire, 2002; Sato, 2003).

O método que estrutura a pesquisa é o Mapa Social, desenvolvido pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT) desde 2008 e sistematizado por Silva (2011) e Silva e Sato (2012). Trata-se de uma metodologia participativa cujo princípio central é que o conhecimento sobre identidades, territórios e culturas se constrói com as pessoas, e não sobre elas, por meio da autonarrativa e da autodenominação como eixos epistemológicos. A metodologia “conta, essencialmente, com as autonarrativas dos representantes de vários grupos sociais [...] para que, na narrativa de autodenominação compreendêssemos a essência dessas identidades” (Silva; Sato, 2012, p. 14).

O campo de pesquisa é a região autodenominada Cerrado do Pantanal, município de Poconé (MT), zona de transição entre os biomas Cerrado e Pantanal, onde coexistem dezenas de comunidades sob pressão crescente do agronegócio (Valles, 2018). A pesquisa percorreu 16 comunidades, o aprofundamento investigativo concentrou-se em seis, selecionadas intencionalmente pela diversidade de autodenominação identitária: Bandeira e Zé Alves (tradicionais), Laranjal e Chumbo (quilombolas), Agroana Giral e Cavalo Branco (assentamentos rurais). Esse critério busca mapear a variedade de formas pelas quais as alterações ambientais incidem sobre culturas territorializadas distintas num mesmo território. Participaram moradoras, moradores, educadoras e educadores com inserção comunitária, muitos nascidos e criados nas próprias comunidades.

Os dados foram produzidos por quatro procedimentos articulados: pesquisas de campo em quatro momentos entre março e junho de 2017, com observação, registros fotográficos, gravações em áudio e vídeo; o 2º Seminário de Mapeamento Social das Comunidades do Cerrado do Pantanal, realizado nos dias 3 e 4 de junho de 2017 na Comunidade Bandeira, com grupos de trabalho que dialogaram, demarcaram mapas e registraram narrativas sobre ambiente, conflitos socioambientais e expressões culturais a partir de roteiro semiestruturado; o Processo Formativo em Educação Ambiental na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida (ENSA), Comunidade Quilombola de Chumbo, em cinco encontros entre outubro e dezembro de 2017; e entrevistas realizadas ao longo de todos esses momentos, transcritas e complementadas por anotações de campo.

A compreensão dos dados orienta-se pela perspectiva interpretativa de Geertz (1989), para quem a análise cultural é “uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas” (Geertz, 1989, p. 30). As categorias não foram fixadas a priori: emergiram do material em diálogo com o referencial teórico, organizadas em dois eixos: 1. Fatores de pressão ambiental percebidos pelas comunidades e 2. As expressões culturais territorializadas

e suas transformações. O Mapa Social da Cultura do Cerrado do Pantanal, produzido com pictografias de Soares (2018) e mapa cartográfico de Valles (2018), funcionou como dispositivo de espacialização e síntese visual desse processo.

Cabe reconhecer uma limitação metodológica relevante: o tempo de uma dissertação de mestrado impôs restrições ao aprofundamento etnográfico em cada comunidade, tornando inviável afirmações longitudinais sobre as trajetórias de transformação. Essa limitação é, ela mesma, um convite à continuidade das pesquisas no território. Os seminários e o processo formativo foram realizados com participação voluntária e consentimento coletivo das comunidades, em conformidade com os princípios éticos das pesquisas participativas desenvolvidas pelo GPEA/UFMT.

### **3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA, CULTURA E TERRITÓRIO: UMA TRÍADE PARA COMPREENDER IDENTIDADES EM RISCO**

A perspectiva teórica que orienta este artigo nasce do encontro entre a educação ambiental crítica e os estudos de cultura e território, por compreendermos que somente uma leitura que articule essas dimensões é capaz de apreender o que está em jogo nas comunidades do Cerrado do Pantanal: não apenas a perda de cobertura vegetal ou de espécies da fauna, mas a erosão de modos de vida construídos em séculos de relação intensa e recíproca com o ambiente. Três conceitos funcionam como centrais: cultura, como sistema vivo de significados e práticas; território, como espaço ao mesmo tempo material e simbólico que sustenta e é sustentado por essa cultura; e identidade, como o processo pelo qual grupos sociais se reconhecem, se nomeiam e afirmam sua existência diante das forças que tentam apagá-la.

O conceito de cultura que nos orienta é de um universo em movimento permanente. Geertz (1989) propôs que a cultura é “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos [...] por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (p. 103). Brandão (2006) aproxima esse conceito de uma dimensão

pedagógica ao afirmar que a cultura é “o produto do homem sobre si mesmo” (p. 9) — e que sua transmissão é, ela mesma, um ato educativo. Laraia (2009) acrescenta que “qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação” (p. 95), o que nos permite distinguir uma transformação cultural orgânica de uma desestruturação imposta externamente. Quando as moradoras e moradores do Cerrado do Pantanal relatam que não encontram mais ervas medicinais nas matas derrubadas, ou que os rios assoreados não permitem mais a pesca que organizava festas e saberes, não estão descrevendo mudanças naturais da cultura: estão descrevendo a ruptura violenta dos suportes ambientais sobre os quais suas práticas foram construídas.

O território, por sua vez, não pode ser reduzido à dimensão fundiária. Haesbaert (2004) distingue sua dimensão material, ligada à ocupação e à produção, de sua dimensão simbólica, ligada ao pertencimento, à memória e à identidade. Nas comunidades de Poconé, essas dimensões são inseparáveis: a terra é o lugar onde os antepassados estão enterrados, onde as festas de santo acontecem há décadas, onde os rios têm nomes dados por quem os pescou por gerações. Raffestin (1993) lembra que o território é sempre produto de uma relação de poder, e Silva (2011) confirma que “o espaço é interpretado como lugar simbólico e material que se transforma em território a partir das identidades criadas pelos sujeitos que o apropriam” (p. 130). O fechamento de escolas nas comunidades, nessa leitura, não é apenas problema educacional: é desestruturação do território simbólico.

A identidade, terceiro conceito, é entendida como processo de construção permanente, atravessado por relações de poder. Castells (1999) propõe que ela é “a fonte de significado e experiência de um povo” (p. 22), construída a partir da história, da memória coletiva e das práticas territorializadas. O autor distingue as identidades de resistência como as mais relevantes em contextos de opressão, pois “dão origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável” (p. 25). É nesse sentido que a manutenção das festas de santo, da viola-de-cocho e das práticas raizeiras nas comunidades estudadas são atos políticos de

permanência territorial. Woodward (2008) acrescenta que a identidade “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos” (p. 17), e é precisamente isso que o Mapa Social busca apreender ao privilegiar a autodenominação e a autonarrativa.

Os três conceitos formam um quadro integrado, cuja unidade está na tríade de Silva (2011): habitantes, hábitos e habitats. Quando o habitat se degrada, os hábitos perdem seus suportes materiais; quando os hábitos se fragilizam, a identidade perde seus símbolos de referência; e quando a identidade se enfraquece, os habitantes ficam mais vulneráveis à expropriação territorial. Como afirma Leff (2009), o ambiente “está integrado pelas identidades múltiplas que configuram uma nova racionalidade, a qual acolhe diversas racionalidades culturais e abre diferentes mundos de vida” (p. 21). Uma Educação Ambiental que não reconheça essa dimensão estará sempre aquém do que o problema exige.

Na seção seguinte, esse quadro teórico será aplicado à compreensão das narrativas das moradoras e moradores das seis comunidades estudadas, buscando compreender como as alterações ambientais do Cerrado do Pantanal incidem sobre suas culturas, seus territórios e suas identidades.

#### **4 HABITAT, HÁBITOS E HABITANTES: O QUE AS NARRATIVAS REVELAM SOBRE AS COMUNIDADES DO CERRADO DO PANTANAL**

O percurso pelas seis comunidades do Cerrado do Pantanal produziu um estudo rico em narrativas sobre o ambiente vivido e as culturas que nele se constroem. Da leitura cruzada desse material, emergiram dois eixos interpretativos centrais que estruturam os resultados aqui apresentados: os fatores de pressão ambiental percebidos pelas próprias comunidades, e as transformações nas expressões culturais territorializadas que essas pressões engendram. Um terceiro eixo, que atravessa os dois anteriores, diz respeito às táticas de resistência que as comunidades acionam para preservar sua cultura diante do avanço dos impactos. Esses eixos não são estanques:

eles se alimentam mutuamente nas narrativas, e é precisamente essa imbricação que os dados revelam com maior força.

#### **4.1 A degradação do habitat como pressão sobre os modos de vida**

Aqui, registramos as percepções das comunidades sobre as alterações concretas no ambiente do Cerrado do Pantanal e os agentes que as produzem. Está presente nas narrativas de todas as seis comunidades estudadas, com intensidade e especificidades que variam conforme a proximidade de cada comunidade com as frentes do agronegócio e com as fazendas de monocultura e pecuária que cercam seus territórios.

O padrão que emerge do conjunto dos relatos é consistente: as comunidades percebem as alterações ambientais como fenômenos recentes e acelerados, que se intensificaram nas últimas duas a três décadas, e as associam diretamente à expansão das monoculturas, com o desmatamento das margens de córregos e nascentes e ao uso intensivo de agrotóxicos. A água é o elemento que concentra a maior quantidade de relatos: sua escassez, sua contaminação e seu afastamento da vida cotidiana das famílias aparecem como o indicador mais imediato e angustiante das transformações ambientais em curso.

Na comunidade Bandeira, a moradora registrou a transformação do córrego que abastecia a comunidade e que, após o desmatamento das margens para formação de pasto, entrou em colapso: “A água corria direto. Assim, gradeia para formar o pasto, vem a chuva e vai a terra para dentro dos rios, dos corgos” (Moradora da Comunidade Bandeira, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). O relato descreve com precisão a cadeia causal entre desmatamento, erosão e assoreamento, compreendida pela própria moradora sem mediação técnica externa. Outra voz da mesma comunidade completou o quadro da perda da pesca, que sustentava tanto a alimentação quanto o vínculo com o território: “Aqui há 20 anos atrás qualquer lugar você pescava e pegava um peixe, hoje já não encontra. Esses córregos pequenos não conseguem pegar mais

peixe, e a gente está vendo essa destruição depois que começou o fazendeiro grande usando esses produtos” (Moradora da Comunidade Bandeira, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). A temporalidade é precisa no relato: vinte anos, o fazendeiro grande, os produtos. A moradora não apenas descreve o problema, ela nomeia seu agente.

Na comunidade Laranjal, o veneno presente na água foi tema recorrente. Os relatos evidenciam que as comunidades quilombolas vivenciam de forma aguda a contaminação hídrica como consequência direta da vizinhança com lavouras que utilizam agrotóxicos: “A natureza mudou, mudou muito, a natureza está quase acabada, as águas que tinham nos ‘corgos’ barrou tudo, acabou, é uma água passageira só quando chove” (Moradora de Laranjal, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). Outra moradora da mesma comunidade foi mais direta sobre a contaminação: “Antigamente a gente tomava água dali, e hoje tudo as coisas faz mal por causa do veneno” (Moradora de Laranjal, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). O contraste entre o “antigamente” e o “hoje” é um recurso narrativo recorrente, um recurso que não é apenas retórico, mas que traduz uma percepção vivida de ruptura temporal com o ambiente.

Na comunidade Chumbo, o Processo Formativo em Educação Ambiental produziu relatos ainda mais contundentes sobre o colapso hídrico. Uma educadora descreveu a transformação de um rio que marcava o cotidiano da comunidade: “Nós temos esse riozinho aqui que era muito gostoso, todos nós aqui tomávamos banho, lavávamos roupa e hoje em dia ele acabou, foram tirando as matas ciliares de volta e o que aconteceu, ele veio a secar, está diminuindo, não teve essa preservação, foi acabando” (Educadora da ENSA, novembro de 2017). A narração encadeia causas e consequências com precisão ecológica: retirada das matas ciliares, redução do fluxo, secamento. Outra educadora sintetizou o sentimento coletivo com uma frase que carrega ironia e indignação: “Estamos no Pantanal e somos pobres de água” (Educadora do CMEI Vovó Teófila, novembro de 2017).

Em relação à pergunta de pesquisa, esta categoria confirma que o ambiente das comunidades está se transformando e que os fatores que influenciam essas mudanças

são identificados pelas próprias comunidades com clareza: expansão do agronegócio, desmatamento, contaminação por agrotóxicos e assoreamento dos cursos d'água. As comunidades não apenas percebem, elas nomeiam os agentes e compreendem os mecanismos destas mudanças.

## **4.2 Expressões culturais em transformação: o que se perde, o que resiste**

Esta categoria captura as mudanças registradas nas práticas culturais das comunidades, identificando tanto as expressões que estão em processo de enfraquecimento quanto as que persistem, às vezes transformadas, como atos de resistência. É a categoria mais densa do corpus: as expressões culturais documentadas pelo Mapa Social das comunidades incluem festas de santo, siriri, cururu, benzedadeiras, raizeiras, extrativismo, fabricação de viola-de-cocho, culinária tradicional, produção agroecológica e oralidade.

### **4.2.1 Saberes raizeiros e remédios naturais**

O desaparecimento das plantas medicinais foi relatado em todas as comunidades em que o desmatamento avançou sobre o Cerrado nativo. Na comunidade Chumbo, educadoras descreveram a perda de ervas como orvalho, marmelada, tarumã, gamelão, carrapicho, uriri, tapera, chapéu-de-couro, vassourinha e douradinha, associando esse desaparecimento diretamente ao uso de agrotóxicos nas lavouras vizinhas: “Com esses agrotóxicos que usam aqui, esses venenos, também vai acabando com as nossas plantinhas que a gente utiliza para fazer remédio, que é aquelas plantinhas menores, você quase não encontra mais e se você encontra já está com veneno” (Educadora da ENSA, novembro de 2017). O nexos entre contaminação química e perda do saber raizeiro é explicitado pela narradora: o veneno não apenas mata a planta, vai além, contamina o que resta, tornando inutilizável o que existia.

A perda das plantas tem consequência geracional documentada: as educadoras relataram que os jovens estão deixando de recorrer aos remédios naturais, optando

pelos industrializados. O saber raizeiro, que pressupõe a planta viva e o conhecimento sobre ela, perde sua ancoragem material. “Sempre o pessoal mais antigo busca os raizeiros” (Educadora do CMEI Vovó Teófila, novembro de 2017), a frase delimita com precisão a fratura geracional: o saber permanece nos mais velhos, mas sem planta e sem partilha dos saberes, ele não tem como cruzar o tempo.

#### 4.2.2 Extrativismo e alimentação tradicional

O extrativismo de frutos do Cerrado, especialmente cumbaru e pequi, foi relatado em estado de ameaça nas comunidades Bandeira e Laranjal. Na comunidade Bandeira, moradoras relataram que os fazendeiros derrubam o Cerrado para o plantio de pasto, mas deixam em pé os pés de cumbaru e pequi dentro das fazendas, exigindo que as coletoras peçam permissão para entrar e catar. A dependência da benevolência do fazendeiro para acessar um bem que era livre marca uma transformação profunda nas relações territoriais: “Se quiser comer peixe tem que ir comprar ou ir para o campo alheio [...] depende do fazendeiro, tem fazendeiro que não deixa” (Moradora da Comunidade Bandeira, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). O relato, embora centrado na pesca, traduz a lógica que se aplica também ao extrativismo: o território que antes era das comunidades passa a ser mediado pela posse latifundiária.

Sobre a alimentação, moradoras da comunidade Chumbo narraram a memória de uma infância farta em frutos nativos que hoje não existem mais: “Tinham muitas plantas frutíferas nativas, a gente ficou lembrando da nossa infância que tinha um monte de frutas que hoje em dia não existem mais, cajuzinho-do-mato, veludo, mangaba, marmelada, as bocaiuvas eram muito gostosas e hoje em dia são poucas que têm” (Educadora da ENSA, novembro de 2017). A enumeração é uma forma de luto, cada nome de fruta é um elemento cultural perdido, associado a sabores, receitas, rituais de coleta e vínculos intergeracionais.

#### 4.2.3 Cururu, siriri e a cultura intergeracional

As expressões musicais e as danças concentram a tensão mais visível entre continuidade e ruptura cultural. Na comunidade Zé Alves, o único cururueiro ainda ativo narrou o enfraquecimento da tradição: “A cultura está sumindo porque muitos jovens agora não cantam o Cururu, não dançam mais o baile, está diminuindo. É porque existe muitos outros tipos de cultura na comunidade, eles deixam de usar o lambadão ou o rasqueadão pra assistir uma televisão, pra assistir outros tipos de comunicação e aí está acabando, ninguém quer aprender a cantar Cururu e Siriri, a reza cantada é muito dificultoso, é só falado mesmo” (Morador da Comunidade Zé Alves, junho de 2017). O relato é nuançado: o cururueiro reconhece que há outros fatores como a chegada da televisão, a mudança nos gostos dos jovens.

Na comunidade Chumbo, o quadro era ainda mais delicado: ao tempo da pesquisa, havia apenas um artesão fabricando viola-de-cocho, ganzá e mocho, e um único cururueiro ativo. A preocupação com a extinção era explícita nas falas das educadoras: “Tem o Siriri e o Cururu, mas os tocadores mesmo não têm os jovens, só os mais velhos. O mais forte nosso aqui é o Siriri e o Cururu, mas se não tiver os jovens para continuar, vai perder” (Educadora da ENSA, novembro de 2017). E ainda: “Quando tem as festas, os cururueiros vão, mas os jovens não querem ficar perto cantando” (Educadora do CMEI Vovó Teófila, novembro de 2017). O siriri, por outro lado, apresentou um dado contrastante: um grupo foi formado por estudantes da ENSA, com mais de 35 integrantes ao tempo da pesquisa, organizado oficialmente em 2012, evidência de que nem todas as expressões culturais seguem a mesma trajetória de fragilização.

As mudanças no ambiente incidem de forma diferenciada sobre as expressões culturais: as que dependem diretamente de elementos da natureza (plantas medicinais, frutos nativos, peixes) são as mais imediatamente afetadas pela degradação ambiental. As expressões musicais e danças, por seu turno, sofrem pressões de natureza mais

complexa, onde a degradação ambiental se combina com mudanças nos padrões de comunicação e nas dinâmicas geracionais.

#### **4.3 Táticas de resistência e permanência cultural**

Esta categoria emerge de forma transversal no corpus: mesmo nos relatos sobre perdas e ameaças, as narrativas das comunidades registram táticas de resistência cultural que merecem ser compreendidas como dados em si, não apenas como contraponto ao diagnóstico de crise, essa dimensão está presente em cinco das seis comunidades estudadas, com maior densidade nos relatos de Bandeira e Chumbo.

A resistência mais imediata aparece na manutenção das festas de santo como eixo organizador da vida comunitária. Em todas as seis comunidades, as festas de santo foram identificadas como expressão cultural presente. Na comunidade Laranjal, uma moradora explicitou o sentido vital dessas festas com uma frase que não admite ambiguidade: “Festa é bom né? Nós não vivemos sem festar” (Moradora de Laranjal, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). A festa não é entretenimento: é o momento em que a comunidade se reconhece como tal, distribui papéis, partilha comida, aciona memórias e afirma sua presença no território.

Outro dado de resistência emerge de um episódio narrado na comunidade Bandeira sobre a nascente que secou após o desmatamento de seu entorno e voltou a jorrar quando a vegetação se recuperou: “Lá tinha uma cacimba e meu esposo desmatou, olha, acabou a água, secou, torrou. Aí ele falou, nunca mais desmato, agora tem mato e a água minou, água azul. Olha, isso aí é tudo aprendizagem” (Moradora da Comunidade Bandeira, 2º Mapeamento Social, junho de 2017). A palavra “aprendizagem” na fala da moradora não é ingênua, ela nomeia um processo de compreensão ecológica produzido na própria experiência territorial, que a comunidade reconhece como saber legítimo e de partilha.

Em relação à pergunta de pesquisa, esta categoria responde que as comunidades não são apenas receptoras passivas das alterações ambientais e culturais: elas acionam

táticas de continuidade e de memória que sustentam vínculos identitários mesmo sob condições adversas. Essa resistência, porém, opera sob pressão crescente e demanda reconhecimento e apoio de políticas públicas para que não se esgote.

#### **4.4 Síntese dos resultados**

O conjunto dos dados revela um padrão que pode ser assim enunciado: as alterações ambientais provocadas principalmente pelo avanço do agronegócio: desmatamento, contaminação hídrica por agrotóxicos, assoreamento de córregos e restrição de acesso ao território, essas afetam diretamente as expressões culturais das comunidades do Cerrado do Pantanal que dependem do ambiente para sua realização. A relação entre degradação ambiental e transformação cultural é material e específica. Sem plantas medicinais no Cerrado, as raizeiras perdem seu instrumento de trabalho e de saber. Sem peixes nos córregos, a culinária tradicional e a pesca como prática social se desfazem. Sem acesso livre ao cumbaru e ao pequi, o extrativismo que sustentava economicamente muitas famílias, majoritariamente mulheres, perde sua base territorial.

As três dimensões se articulam de forma integrada: a degradação do habitat remove os suportes materiais das expressões culturais, enquanto as táticas de resistência representam os esforços das comunidades para manter vínculos identitários e culturais apesar dessas perdas. Esse padrão é consistente nas seis comunidades, com variações de intensidade e de especificidade que refletem as diferentes histórias, localizações e formas de organização de cada uma delas.

### **5 CONSIDERAÇÕES: POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM OS POVOS E SEUS TERRITÓRIOS**

As alterações ambientais provocadas pelo avanço do agronegócio no Cerrado do Pantanal afetam diretamente as expressões culturais das comunidades

tradicionais, quilombolas e assentadas de Poconé. A relação entre degradação ambiental e transformação cultural é material, específica e politicamente produzida. As comunidades não são vítimas passivas desse processo: elas nomeiam os agentes, compreendem os mecanismos e acionam táticas de resistência que mantêm vínculos identitários mesmo sob condições adversas.

A contribuição original deste artigo é dupla. Empiricamente, documenta de forma sistemática, a partir das próprias narrativas das comunidades, como a tríade habitantes-hábitos-habitats se fragmenta quando o habitat é destruído, evidência que preenche uma lacuna na literatura da educação ambiental sobre os territórios do Cerrado-Pantanal. Metodologicamente, demonstra que o Mapa Social constitui instrumento legítimo e politicamente comprometido para apreender essa dinâmica. Para gestoras e gestores públicos, os resultados são inequívocos: políticas de proteção ambiental que ignoram as culturas territorializadas protegem o bioma sem proteger os povos que o habitam e o sustentam.

Este estudo comprova o que a educação ambiental crítica já enuncia como princípio fundante: natureza e cultura são inseparáveis. Quando o hábitat se transforma pela força do agronegócio, os hábitos se desfazem e os habitantes perdem o chão onde suas memórias, saberes e festas encontravam sentido. Perder o Cerrado do Pantanal não é apenas uma perda ecológica, é uma perda civilizatória. Que este estudo inspire outros olhares investigativos comprometidos com esses territórios e que as políticas públicas de conservação da natureza e da biodiversidade reconheçam que não há bioma sem povo, não há floresta sem cultura, não há futuro sem as histórias de quem ali habita.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Cartografia social e dinâmicas territoriais**: marcos para o debate. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2010.

AREVAL, A. M. **Currículo vivo na comunidade quilombola de Mata Cavalo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, C. R. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JABER-SILVA, M. **Mapeamento dos conflitos socioambientais de Mato Grosso**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

JABER-SILVA, M.; SILVA, R. A. O mapa social e a educação ambiental: diálogos de um mapeamento participativo no Pantanal, Mato Grosso, Brasil. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n. 55, p. 201-221, jan./abr. 2015.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 17-24, set./dez. 2009.

MARTINE, R. **As alterações ambientais e culturais em comunidades do Cerrado do Pantanal, Poconé, Mato Grosso**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

MOREIRA, D. **Território, luta e educação**: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalo. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SATO, M. **Educação ambiental**. São Carlos: RiMa, 2003.

SILVA, R. A. **Do invisível ao visível**: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso - Brasil. 2011. Tese (Doutorado em Ciências) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SILVA, R. A.; SATO, M. **Mapa social**: mapeando os grupos sociais do estado de Mato Grosso - Brasil. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

SOARES, C. C. A. **Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo**: diálogos da arte, cultura e natureza. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

VALLES, E. A. **Conflitos socioambientais que afetam a soberania alimentar de comunidades do Cerrado do Pantanal - MT**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-72.

## DECLARAÇÕES

### Contribuição de Autoria

#### 1 – Regina Aparecida da Silva

Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos  
<https://orcid.org/0000-0002-2207-8437> • [regina@ufr.edu.br](mailto:regina@ufr.edu.br)

Contribuição: Conceituação; Metodologia; Curadoria de dados; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição; Supervisão; Administração do Projeto; Obtenção de Financiamento

#### 2 – Rafael Martine

Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso  
<https://orcid.org/0000-0002-1712-9690> • [rafamartine@hotmail.com](mailto:rafamartine@hotmail.com)

Contribuição: Conceituação; Metodologia; Curadoria de dados; Investigação; Curadoria de Dados; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição

### Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

### Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos entrando em contato com os autores.

### Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Revista Sociais e Humanas mantêm os direitos autorais de seus trabalhos e concedem à revista o direito de primeira publicação, sendo o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição (CC BY-NC-ND 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

### **Verificação de Plágio**

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

### **Editor - chefe**

José Renato Ferraz da Silveira

### **Como citar este artigo**

SILVA, R. A.; MARTINE, R. Hábitats, hábitos, habitantes: uma leitura da educação ambiental crítica em comunidades do campo no Cerrado do Pantanal. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 39, n. 1, e97079, 2026. DOI: 10.5902/2317175897079. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175897079>.